



## Introdução

---

*Por Marcos Maurício Alves da Silva*

Os textos que seguem surgem como proposta de trabalho final da Oficina *O Futebol é muito mais que uma "caixinha de surpresas"* oferecida entre março e maio de 2011 na ESPM.

A proposta da oficina foi discutir a história do futebol no Brasil e no Mundo e suas relações com a sociedade. Tivemos um total de 5 encontros de 3 horas para discutir e trocar informações sobre esse esporte que de uma forma ou de outra é paixão de todos os que estavam na sala.

Na primeira aula o objetivo - além de conhecer os alunos e saber o porquê queriam fazer o curso - foi mostrar como o futebol tem uma aproximação forte com a literatura em diversos aspectos como, por exemplo: a narração, os personagens, o enredo, o tempo.

A segunda aula teve como tema "Como o futebol explica o Brasil" e foi feito um levantamento histórico da chegada do futebol no Brasil e seu desenvolvimento em terras brasileiras. Vimos que nem sempre o futebol foi bem visto e querido por aqui. Falamos sobre preconceito, música, poesia e também futebol.

Em nosso terceiro encontro a discussão se deu sobre as Copas do Mundo, primeiro uma visão geral de algumas Copas, depois aprofundamo-nos nas discussões da Copa de 70 no Brasil e de 78 na Argentina mostrando como futebol e política estão entrelaçados e unidos de forma quase inseparável.

Nosso penúltimo encontro teve como título “Torcer e distorcer. Futebol, paixão que move o mundo”. Nesse dia, tivemos a presença do pesquisador Martín Russo que estuda, em seu mestrado, o grito de gol no Brasil e na Argentina. Grande conhecedor do futebol argentino, Russo nos brindou com uma visão estrangeira – e não menos apaixonada que a nossa – sobre o esporte.

A última aula foi dividida em duas partes, na primeira comentei com os alunos os textos que eles haviam mandado (textos que estão abaixo) e na segunda fizemos uma visita ao **Museu do Futebol** de São Paulo no Pacaembu. Ali vimos, tanto de forma real como ilusória, materializadas muitas de nossas conversas de sala de aula. Vimos gols, ouvimos histórias, lemos imagens que falam por mil palavras. Ver – ouvir – ler verbos que se confundem quando o assunto é futebol. No Museu estes verbos parecem entrar-nos todos de uma só vez.

A “caixinha de surpresas” deixou, como os leitores poderão ver, surpreendentes textos.

Espero que todos tenham podido aproveitar o curso.

## Prólogo

---

### *De los pies a las manos*

O futebol gera, ao longo de sua história, uma rica e farta criação literária. Caminhos que se comungam no tempo e no espaço.

Quem disse que literatura e futebol não estão de mãos dadas? Quem pode dizer que um gol de letra não tem esse nome porque lembra um poema barroco – torto? Quem será capaz de provar que um gol de placa não poderia se chamar “gol poema”? A literatura e o futebol estão unidos pela dramaticidade, pela estrutura, às vezes linear, outras vezes com o tempo distorcido e sem explicação dentro da lógica humana.

Os 11 textos que seguem mostram um pouco desse mundo de tempo e espaço nem sempre linear. Pensamentos, recordações, projeções; um mundo que poderia ter sido e que não foi, um mundo que foi e não deveria ter sido. Histórias de infância, de paixão e amores, de choros convulsivos a espera de dias melhores.

11 textos como 11 jogadores que, do goleiro ao atacante, passam por um caleidoscópio de futebol-ilusão-poesia.

Assim como em *Primeiras Estórias* de Guimarães Rosa os textos que seguem se conversam de alguma forma. O primeiro texto - que não poderia ter outro nome - é *Meu primeiro amor!* Uma história de amor que só poderia ser contada por meio do futebol; jogo de

palavras que transforma o real no mágico, o efêmero no eterno. *Meu primeiro amor!* relaciona-se com o texto que fecha esse livreto *Obrigado, Deuses do Futebol!* título autoexplicativo que nos mostra como devemos, a cada dia, agradecer pela existência do futebol, agradecer aos deuses pelo esporte que tantas alegrias (e porque não tristezas) nos dá a cada novo jogo.

O texto *Superior Tribunal de Injustiças* mostra como o futebol pode sempre trazer surpresas, discute a questão do inesperado e do incerto. No futebol, nem sempre o óbvio é óbvio. No entanto, essas incertezas, mais do que desprezo pelo esporte, gera amor, paixão e podemos ver como a História do Futebol está cheia dessas paixões germinadas pelo acaso - não só por aqui, mas também em outros lugares - na crônica *Futebol, amor e devoção a toda prova*, penúltimo texto que o leitor encontrará por aqui.

O terceiro e o nono textos deste livreto trazem a mesma emoção de dois lados opostos. Um palmeirense e uma corinthiana contam suas tristezas ao ver o time ser “humilhado”, seja numa derrota acachapante, seja num último jogo que leva a equipe para a segunda divisão do campeonato nacional. Tristeza que faz mostrar a força dessas torcidas que acima de tudo são “fiéis”.

O quarto e o oitavo textos tratam de Copas do Mundo, o evento mais importante do futebol mundial. Passado de tristezas e futuro incerto. Em *E a história se repete* vemos como as Copas de 2006 e de 2010 têm muito em comum. A queda do Brasil ante seleções europeias; personagens e fatos que se repetem em uma espiral sem fim. Já

*Provaremos novamente?* mostra um futuro duvidoso que pode ser de glória – com o sucesso da Copa de 2014 – ou o fracasso e a vergonha pública caso a Copa seja uma temeridade. O que virá? Só o tempo poderá dizer.

E por falar em tempo chegamos aos últimos minutos de jogo, emocionantes. Qual será o resultado final? Quem ganha? Quem perde? Ganhar ou perder faz parte de todos os jogos, mas no futebol dos **11 em Campo** isso pouco importa. Aqui o que interessa é o tempo; tempo de lembranças da época de crianças, como em *Meus 8 anos* lembrança de jogos que nunca sairão da cabeça, de jogos eternos, de nunca acabar. Quanto tempo demora um gol? E um gol de goleiro? E 100 gols do mesmo goleiro? Tempo que não se mede em minutos, mas em emoção de torcedores. Tempo que espera e que passa – e sempre alcança.

E voltando a Guimarães Rosa e a suas *Primeiras Estórias* fizemos aqui uma homenagem a esse grande escritor, singela homenagem propiciada somente pelos textos que tínhamos nas mãos. A sexta crônica intitula-se *O tempo e suas travessuras* que foi aqui o nosso *Espelho*. O *Espelho* de Guimarães mostra, em *Primeiras Estórias*, que o primeiro texto relaciona-se com o último, o segundo com o antepenúltimo, assim fizemos aqui, umas travessuras literárias tendo o tempo como marcador de passagem, tempo escorregadio que se nos esvai. Tempo que não controlamos e que nos controla. Tempo, é sempre tempo de recomeçar.

Bom jogo a todos!

## Meu primeiro amor!

---

*Por CARLA CURADO*

Foi de cara! Me apaixonei perdidamente! Estava agitado, de um lado para o outro, mas me passava toda uma emoção contida na sensação de não saber o que ia acontecer. Seguro de si, porém. Completamente excitante, me contagiava com as suas histórias. Passou por de tudo nessa vida.

Contou derrotas e tristezas, glórias e conquistas mil. Ele vibrava, assim como seus olhos verdes. Tinha um quê de palhaço, adorava uma graça, uma ginga, um pedala. E as pessoas que passaram por sua vida, inéditas, inusitadas, incomparáveis. Conheceu capitães, xerifes, mascarados, malandros, ogros, alguns com pernas de pau, outros com pernas elásticas, e um que até voava, ou melhor, parava no ar, parecia um beija flor; que Maravilha! Tinha um que não valia nem um Tostão! Conheceu Gaúcho, Mineiro, Paraíba e Paulista. Gansos, Patos, homens, moleques, Sobis e descis. Imperadores mal encarados, um Fenômeno bem grande, Fabulosos, Gladiadores, até um Mago, Amorosos, Love... Dizia que tinha aquele que não fedia, aquele que só caía, aquele que você nem

via, aquele que queria ser um touro, aquele que batia até na mãe, e aquele que achava que era Deus (um Deus feito de pó, talvez...). Mas de todos, o que mais faziam seus olhos brilharem, era quando me contou do Rei. Ah, sim, ele conheceu o rei, ou melhor, o Rei conhecia ele... e ah! Como conhecia. Foram amigos! Não! Melhores amigos! Até hoje...

Pois é, ele é importante, esse meu amor. E é impressionante como todos gostam dele. Simpático, divertido, animado, sabe reunir e trazer alegria. Ouvi dizer que era inglês, mas quando olhei, vi nos olhos um jeitinho tão brasileiro que não me enganou! Me encantou mais e mais. Somos companheiros, andamos juntos, vivemos juntos. Pode parecer clichê, mas sem ele eu não vivo mais. É paixão que arde mesmo, principalmente quando não posso vê-lo. É fogo que pega mesmo... que beleza! Eu já chorei, e eu já sorri, e o importante é que emoções eu vivo. E assim espero que seja eterno enquanto dure, 90 minutos.

---

## Superior Tribunal de Injustiça

---

*Por Luigi Rossi Madormo*

Segundo o dicionário, a definição de justiça é: prática e exercício do que é de direito, merecido. Se tratando de todos os assuntos, a lógica é que a justiça aconteça. Se alguém comete um crime, deverá pagar por ele; quando um garoto estuda toda a matéria da prova de forma correta, se espera que ele tenha um bom desempenho, e assim por diante. Uma das únicas exceções a essa regra é o futebol. Por mais que um time treine o triplo de seu adversário e esteja mais focado na partida, não pode se dizer que ele irá ganhar o jogo, isso porque o futebol não é justo.

Após assistir a partida entre Palmeiras e Corinthians fiquei refletindo sobre o jogo e desde então não saiu da minha cabeça como o futebol tem o poder de ser encantador, e alguns instantes depois se transformar em um pesadelo. Para muitos, os momentos proporcionados pelo futebol são o único momento que suas vidas fazem algum sentido, e seria de bom gosto que para esses, o esporte fosse sempre justo, mas se assim fosse, com certeza não teria a mesma graça e se transformaria

em apenas mais um esporte. Em todos os esportes o nível de previsibilidade do resultado da partida é muito superior ao futebol, e talvez esse seja o motivo para que esse jogo nos faça gastar horas, tanto assistindo, como principalmente discutindo, e chegando a se exaltar com um colega por divergência de opiniões. E temos que concordar que se a bola não punisse (jargão usual só para não perdermos o costume) até as discussões das mesa-redondas e das nossas rodinhas de amigos não teriam mais sentido. Apenas se comentaria o óbvio, e de obviedades estamos cansados.

Existe a tradicional frase que diz: “o Brasil é o país do futebol”, mas hoje em dia isso não tem mais tanto sentido, afinal, o futebol está em todos os lugares e os sentimentos que desperta são universais. Não interessa se é jogado com cocos formando as traves em uma praia do litoral norte de São Paulo, ou se é no meio do Alasca com bolas de meia, o que importa é sua essência que é a mesma em qualquer lugar do planeta e que nem uma derrota para seu maior rival pode mudar. Viva o futebol, viva a injustiça!

---

## A torcida que não tem um time

---

Por *BRUNO GREGÓRIO*

Sempre soube, desde pequeno, que fiel é como é chamada a torcida do time do parque São Jorge.

Como bom descendente de italiano, sempre aos domingos ia à casa do meu *nonno* comer uma bela macarronada! E passava horas ouvindo as mágicas histórias do meu avô sobre aqueles times do Palestra Itália...

E o que eu acabo de ver, é aquele time, por onde já passaram Heitor, Oberdan, Chinesinho, Leão, Valdir de Moraes, Djalma Santos, Ademir da Guia, Luís Pereira, Edmundo, Evair e entre outros grandes craques do Palmeiras, ser humilhado e eliminado da Copa do Brasil. Nesta noite, 15 homens conseguiram envergonhar 15 milhões de apaixonados pelo Palmeiras.

O Palmeiras não merece a torcida que tem. Nenhum clube, nem o Corinthians, ninguém tem uma torcida tão fiel. O Corinthians, nos seus famosos anos de seca, contou sempre com seus torcedores fiéis, apesar das derrotas, mas que quase nunca

foram derrotas humilhantes, absurdas. Eram derrotas para o Santos de Pelé ou para o próprio Palmeiras de Ademir.

O que diferencia o Palmeiras de hoje é que parece que alguns no clube, estão convencidos de que o Palmeiras é uma equipe menor, que ninguém precisa temer. Na verdade eles é que são muito menores que o clube. Um time que se entende como grande não joga com o resultado, joga com seu status de grande equipe. Tem obrigação de obedecer à multidão orgulhosa, que avaliza a grandeza do clube cantando e gritando, e partir para cima do adversário sem medo e sem covardia.

Creio que só a torcida está convencida da grandeza do clube. Ela lota estádio e mais estádio, submetendo-se a decepções a que nenhuma outra se submeteria. O clube só continua grande por ação e graça de seus torcedores, e unicamente por causa deles.

Nenhum time perdeu tanto em seu próprio campo, para adversários fracos, medíocres, estupefatos diante da vitória. E a torcida em um espetáculo comovente não desiste, não diminui e não se entrega de jeito nenhum.

Pra que arena? Essa torcida não precisa de uma arena, precisa de alguém que a represente no vestiário, no interior do clube, nas entranhas da associação, e que infunda moral e confiança ao time. E que exerça o sagrado autoritarismo de proibir expressamente táticas e atitudes que atentem contra a grandeza do clube. Há pouco saiu um livro chamado "Ponte Preta - a torcida que tem um time", de André Pecora e Stephan Campineiro. Sugiro que algum palmeirense de talento, o poeta Régis Bonvicino, por exemplo, escreva um livro, e já me ofereça para colaborar com o título: "Palmeiras - a torcida que não tem um time". Talvez, aliás, ela nem precise mais. Talvez essa torcida magnífica tenha tomado para si, independentemente dos resultados, dos dirigentes e do resto, a defesa do nome e da grandeza desse clube. E, se alguma coisa puder mudar essa situação humilhante, ela virá dessa multidão que, sem arena, sob chuva, sol, e mal-acomodada, enche qualquer estádio para ver esse time perder. É por isso, que eu me pergunto, se o adjetivo "fiel" está sendo usada para a torcida certa.

---

## E a história se repete

---

*Por DÉBORA MARTINS BATISTA*

O que realmente ficou na memória foi que a história se repetia. Mais uma vez acontecia aquilo. O desastre que todos os brasileiros não queriam ver, não de novo. Quatro anos e um dia depois do lastimável dia, tudo se passava como um filme. Ao invés de franceses, holandeses; não mais estádio alemão, mas sim sul africano; Sneijder no lugar de Henry. Porém na mesma etapa: quartas de finais e contra um time europeu. Nelson Mandela Bay em Porto Elizabeth se calou, se revoltou. Assim como uma nação do outro lado do oceano. Mais uma vez o Brasil era eliminado de uma Copa. Mesma história, apenas coadjuvantes diferentes.

Ao apitar o começo do jogo, ninguém esperava o que estava para acontecer. Aos dez minutos do primeiro tempo, Robinho, como um salvador fez 1x0 para o Brasil sobre os holandeses. O primeiro tempo foi dominado pelo time latino, poucas chances foram criadas pelos europeus. As expectativas de vitória apenas cresciam com os minutos passando.

Porém, foi naquele intervalo em que tudo mudou. A Holanda voltou com sede de virada e o Brasil, acomodado com o resultado. Tudo estava prestes a desabar. As poucas chances agora eram dos verde-amarelos, enquanto os laranjas tomavam conta do gramado. Já com poucos minutos, a primeira falha na defesa, o que foi raro nessa Copa, aconteceu: Felipe Melo e Júlio César se chocam na tentativa de tirar a bola da área depois de uma cobrança de falta de Sneijder. Bola na rede aos oito minutos e o primeiro gol holandês contra o Brasil em Mundiais.

Nem tudo estava perdido, entretanto. O jogo só acaba quando termina, portanto muita bola ia rolar até que o apito final fosse dado. Continuando com poucas finalizações, os sul-americanos pareciam entorpecidos pelo gol levado, enquanto a “laranja mecânica” continuava com seu ataque em posição. Com isso, foi aos 22 minutos que, um careca de 1,70 cabeceou a bola para dentro do gol depois de uma cobrança de escanteio. O mesmo Sneijder faz então 2x1 para os holandeses.

Ainda havia tempo para uma virada ou, ao menos, um empate. Contudo, pouco tempo depois do segundo gol, Felipe Melo, o mesmo que se atrapalhou na defesa do primeiro gol, é expulso por cometer uma falta e pisar em Robben. As chances se

tornavam cada vez menores e todas as expectativas iniciais diminuíaam junto.

Muito se culpa o goleiro e o meio-campista pela derrota. Porém, ao cometerem atos falhos, ninguém se lembrou das defesas anteriores de Julio Cesar, pelo menos duas difíceilimas, ou então que o passe para o gol de Robinho saiu do Felipe Melo. Tudo é esquecido após um erro (talvez dois no caso de Melo) fatal. Assim como em 2006, todas as façanhas de Roberto Carlos foram deixadas de lado e só se pensava (e ainda pensa ao falar dessa Copa) no momento em que o meião do mesmo precisou ser arrumado. Num momento de muita importância, a preferência foi o dar atenção ao uniforme.

E foi em 2010 que a lastimável história se repetiu.

---

## Meus 8 anos

---

*Por RODRIGO BUSSAMRA SANCHEZ*

Que saudades da aurora da minha infância, dos meus 8 anos, época em que eu desconhecia o álcool, o cigarro e as baladas, época em que meu futebol estava no auge, já que eu tinha um fôlego que deixaria com inveja até mesmo o jamaicano Usain Bolt. Óbvio que eu não perdi esse fôlego todo nos anos seguintes, mas quando eu cursava a primeira série meus amigos ainda não tinham a mesma habilidade que eu no futebol, e, portanto, eu sobrava em campo.

Naquele tempo, o recreio era hora sagrada para toda criança no colégio Miguel de Cervantes, pelo menos para mim era. Todo recreio havia uma disputa pela bola no campo de terra, chamo dessa maneira, pois aquilo não poderia ser chamado de futebol, aliás, que tipo de jogo tem trinta jogadores para cada lado? Mesmo assim aquilo era futebol, o nosso futebol. Em minha mente imaginava que cada recreio valia um título, e realmente valia; valia o orgulho de vencer e não sair derrotado

escutando a sala adversária ecoando o grito de “ganhaaaaaaaaaaaaaamos”.

Cada recreio era disputado com toda a garra do mundo, não havia a opção de derrota naquela época, perder para a sala vizinha era como ver o Corinthians sendo derrotado pelo Palmeiras ou pelo São Paulo (o que não acontece com muita frequência). Após escutarmos um dia inteiro de provocações fomos novamente para o campo de terra, e naquele dia eu percebi que muito dos meus companheiros estava mais empenhados em derrubar os adversários do que ganhar o jogo. Assim como alguns jogadores atuais como Pepe, Felipe Melo e Van Bommel.

Na minha cabeça, todos os jogos eram como final de campeonato, o curioso é que para mim valia como uma final sempre que nós ganhávamos se perdíamos era um simples amistoso. Ou seja, ganhei inúmeros campeonatos e perdi alguns amistosos.

Assim devia ser com o Corinthians, pois como todos sabem, sempre que o Corinthians perde não é justo, ou foi erro do juiz, ou uma fatalidade. Assim como meus recreios na primeira série, nos meus gloriosos 8 anos...

## O tempo e suas travessuras

---

*Por ALAN THALENBERG*

Tempo. Ah, o tempo... Para alguns, uma medida qualquer, insignificante, podendo definir uma partida de futebol como um singelo evento de 90 minutos. Lamentável equívoco. Principalmente se tratando de Brasil, pois Gonçalves Dias diria que os relógios que aqui “tic-tacam” não “tic-tacam” como lá: somos a nação que vive em função do futebol. Nossa sociedade é moldada pelo futebol, o “intocável”. Não venha questionar o propósito de ter um programa só para discutir se o árbitro se equivocou em um lance de uma partida já encerrada. Os 90 minutos podem se prolongar pelo resto do dia, da semana, quiçá do ano. Essa é a noção de tempo advinda do nosso relógio biológico, digo, futebolístico.

Mágico tempo, que faz todos ansiarem a chegada das 16 horas de domingo para se desvincularem da realidade e de seus problemas, stresses, pressões, que vão se acumulando ao longo da semana, mas se esvaecem na explosão de um grito de gol e num xingamento à janela alheia da vizinhança.

Tempo este que sempre está acompanhado de outro elemento: a ansiedade. Seja a do pré-jogo, acompanhada de fantásticas doses de imaginação, de esperança de que o zagueirão do seu time, que nunca fez um gol na carreira, sequer em pelada de fim de semana, faça o derradeiro gol da vitória; tanto a do pós-jogo, da infindável espera de chegar ao trabalho/faculdade e dar aquela sacaneada no seu colega, torcedor rival. Isso pensando, claro, na vitória de seu time, nunca na derrota... (Sai zica!)

Corajoso tempo, que se vê no direito de contradizer Cazuzza, um mestre da nossa música, ao comprovar que sim, o tempo pode parar, e aprendemos isso da mais dolorosa maneira possível: tendo o Maracanã, com 200.000 pessoas, sendo calado pela inexpressiva seleção uruguaia e acabando com a programada festa para o 1º título mundial canarinho. Tempo parado no país inteiro.

Perverso tempo, que vai passando, passando e faz com que artistas da bola, que ainda querem exercer seu dom e continuar encantando o mundo com suas pinturas, se retirem dos gramados, pois a mente fala algo, mas seu corpo não corresponde com a mesma genialidade de antes.

O tempo e seus inexplicáveis tabus, que fazem com que o fato do seu time não ganhar do rival em dias ímpares do mês de Agosto com o terceiro uniforme em jogos noturnos há 4 anos uma tremenda dor de cabeça.

O futebol consumindo o nosso tempo, que faz com que um jogo chocho e desprezioso como Trinidad & Tobago X Coréia do Norte se torne um baita jogo, acompanhado sem piscar o olho e revoltando todos da casa que querem assistir ao jornal.

O irracional tempo e as irracionalidades que ele é provoca em nós, que nos faz aceitar péssimos horários impostos e definidos por interesses de grupos e corporações, fazendo o torcedor sair do estádio meia-noite, dormir as duas e acordar as cinco para pegar a condução lotada, porém, se o resultado da noite anterior foi a vitória de seu time, o sorriso está estampado no rosto para o resto da semana.

Enigmático tempo, que anda devagar, devagar quando o nosso time está precisando segurar o resultado, mas voa quando precisamos urgentemente de um gol. E isso não é loucura de um simples torcedor/escritor, mas sim uma constatação de todas as torcidas.

Saudoso tempo, que nos remete a maravilhosos momentos no estádio, cantando sem parar, explodindo em comemorações de gols e abraçando pessoas queridas que infelizmente não estão mais entre nós por um acaso do tempo, que transformou os fervorosos abraços em lágrimas.

---

## Centenária

---

*Por MARCEL BUENO*

O Brasil é o país do futebol e o futebol é o esporte do Brasil. Não há como negar que somos a melhor seleção do mundo e que um jogo de bola para o país numa tarde de domingo.

O dia 27 de março de 2011 entrou para a história do futebol mundial. No último domingo de março deste ano um momento foi eternizado na mente de qualquer amante do esporte coletivo mais praticado no mundo. Um jogo que de tão importante é chamado de Majestoso, o maior e mais disputado clássico do Brasil.

Às 16 horas e 5 minutos começava São Paulo x Corinthians que mais que arquirrivais, são arqui-inimigos. O time alvinegro começou jogando melhor, mas o tricolor assustava em alguns lances. O jogo em si não é meu foco nesse texto, mas um evento em especial. O jogo foi rolando truncado e com boas chances para ambos os lados. Até que aos 39 minutos do primeiro tempo um atacante são-paulino achou em um belo chute de fora da área o primeiro gol da partida. O ícone da peleja

praticou algumas boas defesas esperando sua chance de escrever seu nome na história, ela não veio.

Começa o segundo tempo, e aos 8 minutos de jogo acontece o que todos estavam esperando, uma falta. O segundo atacante são-paulino cavou uma falta na entrada da área alvinegra. Todos olharam para o outro lado, para Rogério Ceni, nesse instante o goleiro-artilheiro tricolor ostentava a marca de 99 gols feitos na carreira, essa era a chance de chegar à contagem centenária.

A falta demorou cerca de um minuto para ser batida, para mim demorou uns 20 minutos, para Rogério Ceni deve ter demorado uma hora. Lembro nitidamente de meu pai sentado no chão e batendo na mesa “Vamo Rogério! Vamo Rogério!” a partir daí tudo ficou mudo enquanto eu assistia o goleiro concentrado olhando para baixo e atravessando o campo. Não conseguia pensar em nada, apenas alimentava a expectativa de ver a cobrança, finalmente ele chegou lá, ajeitou a bola. “No canto do goleiro Rogério, no canto do goleiro!” eu dava a dica para onde o ídolo devia chutar. Fui ignorado. Ele correu para a bola e chutou, por cima da barreira, no ângulo, perfeita, golaço. Corri, gritei, pulei, bati no peito igual ao Mito que carregava o

distintivo do tricolor paulista no peito de uma camisa negra, como antigamente. Um gol, um título; um goleiro, um mito.

Um atacante alvinegro ainda achou um gol de fora da área, mas nada que ofuscasse o brilho que pairava sobre o goleiro que ainda protagonizou dois milagres em duas chegadas do time adversário. Fim de jogo.

## Provaremos novamente?

---

*Por ANA FLÁVIA ORNELLAS*

Hoje em dia, pode-se dizer que eu e quase todos os brasileiros estão vivendo um sentimento de felicidade, ansiedade e até medo. Este conflito de sentimentos está dentro de cada cidadão, pelo fato de que nós seremos sede da Copa de 2014. Será que seremos capazes de realizar um dos maiores eventos do mundo? A “pátria de chuteiras” precisará jogar a toalha para outro país ser sede devido a nossa incapacidade de organização?

Acredito que assim como eu, muitos outros milhões de brasileiros se fazem essas perguntas; afinal os dias estão passando, as semanas, os meses e 2014 que parecia muito longe, quase utópico, está chegando, faltam apenas três anos. Sim, digo apenas porque as reformas estão muito atrasadas, há algumas semanas estive no Maracanã e a sensação que eu senti é de que a reforma está muito no princípio, que o “pronto” está distante, ainda mais quando se tem a dimensão do tamanho que é o Maracanã e o peso deste nome. Temos que lembrar que

---

ainda a questão estádio do Corinthians, que supostamente seria uma das sedes da Copa ainda não foi erguido.

Além da dificuldade dos estádios estarem prontos para um dos maiores eventos do mundo e serem o palco principal da Copa no qual nossos artistas podem mostrar o “peso de vestir a camisa amarela”. Acredito que temos um obstáculo ainda maior: a infraestrutura. Nossos aeroportos estão um caos, os hotéis não suportam a quantidade de turistas que uma Copa do Mundo representa e o transporte público ainda é muito básico.

No entanto, ao analisar a História do Brasil e fazer uma relação com a história da nossa seleção, podemos dizer que ambas as histórias são de superação, somos a única seleção penta campeã e nosso país saiu do nível de subdesenvolvido para em desenvolvimento. Ao olharmos para trás, para a Copa do Mundo de 1970 e a atuação do Brasil, podemos dizer que foi com essa nossa vitória que o Brasil deixou o complexo de inferioridade no futebol. Agora na Copa de 2014 temos que provar para o mundo, e principalmente para nós mesmos, que vamos conseguir sediar a copa, que seremos referência como país também. E que a nossa presença no BRIC se faz por merecer e que nossa infraestrutura será melhorada. E quando me perguntam para mim se eu acho que vai dar certo? Torço

muito para que de, e espero que todo o resto da população também torça, porque a melhor coisa que o brasileiro sabe fazer é torcer. E quando falamos de futebol no Brasil envolvemos paixão, e quando temos paixão sempre damos o nosso jeitinho brasileiro para que de certo.

---

## Fidelidade imensurável

---

*Por Thais Infanzozzi Olivares "Pulguinha"*

Domingo, 16:00 horas começa o último jogo do campeonato brasileiro, o Corinthians dependia de resultado de outros times para não ser rebaixado, assisti o jogo inteiro de joelho.

Domingo, 18:00 horas, o juiz dá o apito final e por uma má arbitragem no jogo entre Goiás e Internacional (o Goiás precisava perder para o Corinthians não cair) o Corinthians é rebaixado.

Foi o fim para mim, eu já estava chorando uns 20 minutos antes de acabar o jogo, parecia que alguém tinha morrido, mas não era alguém, era algo, o meu time, tão grande, rebaixado?... Sabe quando você pensa: ah, isso nunca vai acontecer comigo, então, aconteceu. Nunca senti tamanha tristeza, passei mal, vomitei, fiquei por volta de duas semanas chorando cada vez que lembrava, bloqueei todos os meus contatos não corinthianos no MSN, não atendi ao telefone e até evitei encontrar pessoas.

Dia seguinte eu simplesmente acordei, vesti minha camisa do Corinthians e assim foi até voltarmos para série A, lembro que meu pai falou:

- Você é tonta? Fomos rebaixados e você com a camisa

Falei:

- Pai, todos esses anos que você torceu vão ser ignorados por um rebaixamento? Agora sim que precisamos mostrar que apoiamos nosso time

Ele foi para o quarto e vestiu a camisa também, e assim foi com meu irmão, quando sai na rua só tinham corinthianos, parecia que havíamos ganhado um campeonato, daí então que pensei: que orgulho que tenho de ser corinthiana. Não nos escondemos, demos a cara a tapa, saímos com a camisa na rua para rirem de nossa cara sim e soubemos superar muito bem.

Mas afinal, o que faz uma torcida tão fiel como a nossa? Certamente não é só o amor, a raça, a vontade, o sofrimento, o sacrifício de perder a voz a cada jogo, as lágrimas derramadas a cada vitória ou mesmo derrota, a falta de vergonha de usar a camisa do todo poderoso no dia seguinte da derrota, o orgulho que nos faz continuar cantando e enchendo a boca só para dizer: SOU CORINTHIANO, mas acima de tudo a esperança que

guardamos a cada jogo, pois sabemos que o Corinthians pode e sempre vai nos surpreender.

Ser corinthiano é ser povo, acima de tudo é sofrer, mas saber rir do próprio sofrimento é ser maioria, mas saber ver a minoria levar a melhor muitas vezes.

Ser corinthiano não é viver de títulos e sim de Corinthians.

---

## Futebol, amor e devoção a toda prova

---

*Por GUSTAVO TOMAZELI*

O ser humano é um ser que se leva muito mais pela emoção do que pela razão, quando se trata de futebol então deixamos a sensatez de lado e se aflora o nosso verdadeiro lado irracional, tudo gerado pela emoção que este grandíssimo esporte envolve.

Desde os primórdios, esportes envolvendo o ato de se chutar uma “esfera redonda” a um alvo determinado era popular. Na china antiga, soldados derrotados tinham suas cabeças cortadas e eram usadas em “partidas de futebol” dos soldados vitoriosos.

Desde então, o futebol se desenvolveu de uma forma assustadora, mais na Inglaterra do Século XIX, o futebol começou a ganhar verdadeiramente um corpo e campeonatos “profissionais”, mesmo quando os jogadores ainda eram amadores e os clubes ainda estavam em processo de profissionalismo.

Com esse crescimento do futebol na Inglaterra, o esporte começou a se popularizar com a classe operária, que começara a lotar estádios com o intuito de assistir este belíssimo esporte,

contudo, os clubes começaram a se popularizar e com isso começaram a se formar as torcidas dos clubes.

A popularização do futebol na Inglaterra deu a este emocionante esporte popularidade no mundo inteiro, principalmente no Brasil, onde Charles Miller, um navegante inglês, trouxe este esporte ao país que futuramente viria ser uma excelência no esporte.

Termo minha crônica tentando resumir em palavras, toda a emoção e adrenalina que este esporte sempre nos proporcionou e continuará proporcionando, e sempre a história dirá que o futebol não é somente um simples esporte, mais algo que já foi estudado até por sociólogos nas melhores universidades.

---

## Obrigado, Deuses do futebol!

---

*Por JOÃO THEOTO NETO*

"É GOOL!" Esta é a frase que faz o apaixonado por futebol levantar da cadeira, gritar como louco, chorar, brigar, e, eventualmente, até quebrar algum objeto (comigo, pelo menos, isso acontece). Num piscar de olhos ela pode fazer uma nação explodir de alegria, ou se afogar em lágrimas. Tem também o poder de chamar a atenção do torcedor onde quer que ele esteja: quem nunca dormiu durante uma partida e acordou com o conhecido grito do narrador, ou até saiu correndo do banheiro para ver o autor do tento?

O grito de gol está presente nos momentos mais felizes da vida do torcedor. Tenho certeza que estão vindo dezenas de lembranças em sua mente agora. Mas, como nem tudo são flores, o gol também nos traz muita tristeza em alguns momentos.

Acredito ser uma das piores sensações é a de um gol anulado, ainda mais quando acontece em um jogo importante. A bola entra, todos pulam de alegria, abraçam pessoas totalmente

desconhecidas e gritam enlouquecidamente até que se ouve um apito que desperta a frustração, e silencia a todos por mínimo instante. Aí, começam diversos insultos direcionados ao árbitro e, é claro, à sua progenitora.

Nem precisaria citar também, aquele gol que aconteceu por causa de um frango do arqueiro de sua equipe, ou pela furada do zagueiro, ou o gol que seu time sofreu no último minuto do clássico. É assim mesmo, o tempo passa, mas estes lances não saem da mente.

Mas, vamos esquecer esses momentos tristes por enquanto, para lembrar uma peculiaridade do momento máximo do futebol.

Algo que acho interessantíssimo é o pênalti, que, curiosamente, quando assinalado pelo juiz, já é comemorado. Do momento em que o juiz apita até a cobrança, acontece um verdadeiro ritual entre os torcedores: Alguns fecham os olhos, enquanto outros não conseguem piscar, outro grupo organiza uma corrente para trazer "sorte" e os mais religiosos, pegam o terço esquecido no fundo da mochila e o apertam firmemente. Do estabelecimento destes rituais até o cobrador chutar a bola, se passa aproximadamente um minuto, mas este parece durar uma hora. O que pode acontecer depois é ou uma explosão de

alegria ou a tristeza geral.

Existem gols de falta, de bico, de bicicleta, de cabeça, de peixinho, de trivela, de joelho, de canela, de placa, de barriga, de calcanhar, de letra e até de mão, além de muitos outros que não me recordo no momento.

Às vezes, fico pensando como seria a minha história sem o futebol e relembrando momentos importantes que esse esporte me proporcionou, e percebo que o momento máximo do futebol, o gol, também está presente nos momentos máximos da minha vida.

Só me resta agradecer.

Obrigado, Deuses do Futebol.